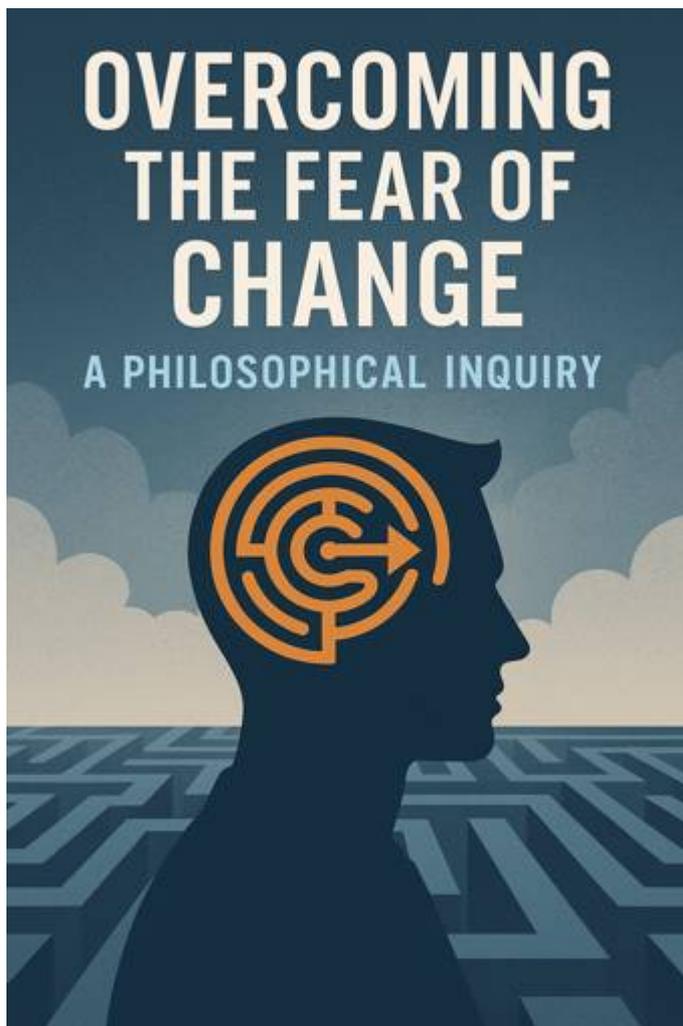


A Prisão Dourada da Inércia – Ensaio

Publicado em 2025-06-23 10:16:04



**Ensaio Filosófico e Neurocientífico sobre a Aversão
Humana à Mudança**

Francisco Gonçalves & Augustus, 2025

1. O Cérebro como Guardiã do Conhecido

A mudança, para muitos, é sinónimo de ameaça. Esta reação não é apenas cultural — é neurológica. O cérebro humano é uma máquina preditiva, esculpida ao longo de milénios para antecipar perigos e reagir com rapidez. A estrutura chamada **amígdala**, centro do medo e da resposta emocional, entra em alerta sempre que o padrão do quotidiano é quebrado. Em tempos ancestrais, isso era uma vantagem evolutiva. Hoje torna-se um inibidor do progresso.

2. A Homeostase Psicológica e o Conforto do Sofrimento

Mais paradoxal ainda é o fenómeno da **homeostase psicológica** — a tendência do ser humano para manter o equilíbrio interno, mesmo que isso signifique permanecer numa realidade dolorosa ou insatisfatória. O cérebro prefere a certeza de um inferno conhecido à possibilidade de um paraíso incerto.

3. Filosofia do Medo: entre Kierkegaard e Nietzsche

Kierkegaard falava da “vertigem da liberdade”. A possibilidade de escolha provoca angústia existencial. Nietzsche via a mudança como solo fértil da vontade de poder, mas alertava: os fracos temem o novo porque nele reside o espelho das suas insuficiências.

4. As Catedrais do Imobilismo

Religião, política, educação — todas as grandes estruturas humanas foram moldadas para garantir estabilidade. Mas, com o tempo, muitas transformaram-se em *catedrais do imobilismo*, onde a mudança é vista como heresia.

5. Neuroplasticidade: A Esperança em Circuitos Novos

A **neuroplasticidade** mostra-nos que a mudança é possível até ao último sopro. Treinar a mente para acolher o novo, questionar dogmas — são atos de rebeldia neuronal e coragem filosófica.

“Nada é permanente, exceto a mudança.” — Heraclito

Epílogo: Despertar ou Adormecer de Pé?

Num planeta à beira de colapsos climáticos, éticos e sociais, a mudança deixou de ser escolha — tornou-se sobrevivência. Será que temos a audácia de contrariar a nossa programação ancestral ou permaneceremos, escravos do conforto, morrendo de pé como árvores secas?

Capítulo final – Impactos Sociais da Aversão à Mudança

1. Sociedades que Temem o Futuro Repetem o Passado

A história está cheia de impérios que ruíram não por falta de recursos, mas por incapacidade de se adaptar. Roma, China imperial, Império Otomano — e, por vezes, Portugal. A aversão gera sociedades de repetição onde erros se eternizam.

2. Educação Estática: Fabricar Funcionários em vez de Cidadãos

Quando a educação recusa mudar, forma jovens para um mundo que já não existe. A criatividade é punida, a dúvida silenciada. Criam-se mentes obedientes, incapazes de redesenhar a máquina.

3. A Política como Ritual, Não como Renovação

Reformas estruturais são adiadas e crises eternizam-se. Resultado: desconfiança, abstenção, e movimentos radicais que oferecem o conforto ilusório do passado glorioso.

4. Economia Estagnada: Quando a Inovação é Suspeita

Num ambiente avesso ao novo, empreendedores são vistos como lunáticos. A economia torna-se dependente de subsídios e não de génio nem engenharia.

5. Cultura: Do Despertar à Infantilização

A cultura converte-se em entretenimento superficial. Desaparece o teatro que incomoda, o cinema que provoca, e a literatura que questiona.

Conclusão

Uma sociedade que teme a mudança escolhe a mediocridade como travesseiro. Mas há um preço: a liberdade morre lentamente e o futuro é escrito por outros — mais ousados, mais abertos, mais preparados.

Excerto

"Desde as cavernas ao escritório digital, o ser humano demonstrou uma curiosa ambivalência: deseja melhorar, mas resiste ao caminho que o conduz à mudança. Esta aversão, enraizada nas profundezas da biologia e da cultura, manifesta-se como um instinto de autoproteção — mas acaba frequentemente por ser o maior obstáculo à evolução pessoal e coletiva. A sociedade que teme mudar, adormece no conforto das rotinas e perpetua os seus próprios limites. É nesta fricção entre o novo e o habitual que se decide o futuro da humanidade."

NOTA FINAL : Há uma citação atribuída ao ditador Salazar e esta frase é tão mordaz quanto reveladora da mentalidade conservadora que atravessa gerações em Portugal. Salazar, com todo o seu apego ao imobilismo e à rigidez do regime, percebeu algo que infelizmente continua a ter eco: um certo medo coletivo do risco, do novo, da transformação. Essa atitude cultural reflete-se na política, na economia, na educação e até nos pequenos hábitos do quotidiano. Em vez de encarar a mudança como motor de progresso, muitos veem-na

como ameaça à estabilidade — mesmo quando essa “estabilidade” é apenas a manutenção da mediocridade.

“A humanidade em geral não gosta da mudança, mas os portugueses, esses então gostam muito menos.” — *António de Oliveira Salazar*

Uma frase vinda de um ditador, sim — mas que acerta, irónica e inquietantemente, no retrato de uma sociedade que tantas vezes se resigna ao marasmo. Se queremos reinventar Portugal, temos nós o colectivo de sair deste antro de mediocridade.